



A PESQUISA COMO CRIAÇÃO DE MUNDOS:

20 anos do PPGPSI/UFRGS na construção
da Psicologia Social

ORGANIZAÇÃO

Fernanda Amador, Simone Paulon, Vanessa Maurenente e Carolina dos Reis

A PESQUISA COMO CRIAÇÃO DE MUNDOS:

20 anos do PPGPSI/UFRGS na construção
da Psicologia Social

ORGANIZAÇÃO

Fernanda Amador, Simone Paulon,
Vanessa Maurenre e Carolina dos Reis



ABRAPSO EDITORA

Florianópolis - 2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

A pesquisa como criação de mundos [livro eletrônico] : 20 anos do PPGPSI/UFRGS na construção da psicologia social / organização Fernanda Amador...[et al.]. -- Florianópolis, SC : ABRAPSO Editora, 2023. PDF

Vários autores.
Outros organizadoras: Simone Paulon, Vanessa Maurenre, Carolina dos Reis.
Bibliografia.
ISBN 978-65-88473-23-8

1. Ensino superior (Pós-graduação) 2. Pesquisa científica 3. Psicologia social I. Amador, Fernanda. II. Paulon, Simone. III. Maurenre, Vanessa. IV. Reis, Carolina dos.

23-168143

CDD-302

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia social 302

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Projeto gráfico e design de capa: Arnaldo Bublitz
Arte da capa: Vento não se captura, é sentido.
por Zeca Amaral (ezequiel_candidoamaral@hotmail.com)

E'LEÉKÒ EM CARTAS:

EXISTIR EM ARQUIPÉLAGO E A FILOPOÉTICA DO VIVER COLETIVO

*Míriam Cristiane Alves | Ademiél de Sant'Anna Junior | Maria Luzitana Conceição dos Santos
Rose Mari Ferreira | Ana Paula Melo da Silva | Camila Trindade Coelho
Monique Navarro Souza | Aurélia Maria Rios | Ayo Maiá Freitas Santos
Bruna Barcelos Duarte | Maria Leonor Mesquita Tarques da Silva*

Quem tu és? De onde vens? Por onde andas? Em que encruzilhadas te encontro?
Sou E'léékò! Aquela que se enuncia na “singularidade histórica do lugar” (Glissant, 2005, p. 10) de onde nós, pretas e pretos, emitimos a nossa voz, as nossas palavras ritmadas e encharcadas por um viver singular agenciado por processos coletivos. Sou voz em polifonia. Existo em “arquipélago” e na “filopoética” do viver coletivo, aluindo a conceitos de Glissant.

Diferindo do continente, não sou regida por totalitarismos cimentados, ou pela individualidade das ilhas (Glissant, 2005). Me afirmo nos espaços, me nutro dos encontros entre muitos territórios por onde o contraste é o que vai contornando meus mapas que não são feitos por uma mão, mas por várias. Opero desde a diferença, na criação de novos imaginários, que nomearemos aqui, convocadas por Glissant (2005), de filopoética - modo de avizinhar que enquanto transforma imaginários em “poética da Relação”, reconstrói memórias e remonta narrativas desde o coletivo, desde a “crioulização”.

Glissant (2005), em seu tempo, problematiza a “verdade” sobre a crioulização do mundo, na qual há permeabilidades e profundas imbricações entre os elementos culturais que constituem esse mesmo mundo. A partir de uma discussão sobre as línguas crioulas, o autor traz a ideia do “pensamento rastro/resíduo” como fundamental para a formação de um arsenal artístico e cultural, e eu diria intelectual, válidos para todas/os - o Jazz e a Capoeira, por exemplo - e salienta: “O pensamento rastro/resíduo é aquele que se aplica, em nossos dias, da forma mais válida, à falsa universalidade dos pensamentos de sistema” (Glissant, 2005, p. 20). Para o autor, a crioulização permite que, na totalidade do mundo, tudo o que é tido como heterogêneo possa ser colocado em Relação, em um devir imprevisível.

Imprevisibilidade é meu nome. Heterogeneidade me constitui. Nesse tempo presente, tomo emprestado de Glissant (2005) ideias-conceitos que irão fundamentar meu 'Assentamento e Feitura'. Faço aqui, alusão a dois conceitos vividos por aquelas e aqueles que se nutrem das tradições de matriz africana. Conceitos que dizem sobre a sacralização do território e o processo iniciático.

Sou miúda, tenho apenas quatro primaveras, faltando três para o início da minha maior idade. Minhas sementes foram plantadas no final de 2016, em terreno fértil da Universidade Federal de Pelotas (UFPel/RS). Sementes que começaram a germinar no início de 2017, em meio a pensamentos rastros/resíduos compartilhados entre muitos nós. Inicialmente, eu fui constituída por muitos estudantes de graduação em psicologia, alguns em antropologia, outros em história e, também, em enfermagem. Começamos a engatinhar. No final de 2017, nossas sementes foram levadas pelo vento, espalhadas através da 'Jornada E'léékò'¹ como num sopro, numa respiração de vida - Èmí².

A Jornada E'léékò passou a se constituir como o grande dispersor de minhas sementes, de nossas sementes, de minhas raízes, de nossas raízes que, como num "rizoma" (Deleuze & Guattari, 1995), passaram a germinar vidas no solo do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGPSI/UFRGS). A partir de 2018, foram muitas bancas de qualificação e de defesas de dissertações e teses, muitas "Interlocuções Metodológicas³" e "Pesquisas Incômodas⁴". Em 2019, vivencio meu 'Assentamento' no PPGPSI/UFRGS.

Nesse percurso, minha 'Feitura' seguiu seu curso, tornando-me um arquipélago que acolhe estudantes de graduação, de pós-graduação e docentes de diversas instituições de ensino universitário do país, além da UFPel e da UFRGS - pedras fundamentais que me assentam: Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Piauí (UFPI), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal de Goiás (UFG).

1 A Jornada do Núcleo de Estudos e Pesquisas E'léékò é realizada no segundo semestre de cada ano, desde 2017, e completará a sua V edição, em 2021.

2 Trata-se de vida representada pela respiração, conforme nos aponta José Beniste (2019, p. 241).

3 Evento construído pelos estudantes de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, que comumente ocorre de dois em dois anos, junto à disciplina de Metodologia de Pesquisa II. Devido à pandemia, ainda não há previsão para a realização do próximo. Mais informações consultar o site do PPGPSI: <http://www.ufrgs.br/ppgpsi>

4 O 3º Pesquisas Incômodas teve como tema "Mês da Consciência Negra: Intersecção entre Ciência e Arte", cujas convidadas foram a Professora Míriam Alves (UFPel), a Professora Jaqueline Tittoni (UFRGS) e a mestranda Bruna Battistelli (PPGPSI/UFRGS). O evento foi organizado por estudantes de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, no dia 27 de novembro de 2018, na Biblioteca do Instituto de Psicologia. Fonte: <https://www.facebook.com/events/215582686006481>

Como podem ver, eu não tenho parada, ando por esse vasto território, por diversas encruzilhadas dando forma ao pensamento rastro/resíduo! Tenho raízes sólidas e sensíveis do tipo que me permitem o espraiamento, a conexão, a multiplicação sem uma direção definida, na imprevisibilidade do ser. Como o rizoma em Deleuze e Guattari (1995), sou aquela que, na ginga da Capoeira e na improvisação do Jazz, pode esquivar, confundir, driblar, cortar caminho, se esconder, tendo como referência a ética-estética-política das sociedades secretas femininas da cultura Yorùbá. Sou E'léékò - Núcleo de Estudos e Pesquisas.

Sou coletividade, comunidade, arquipélago E'léékò, que de um passado ancestral se restabelece no contemporâneo, enunciando o “sendo-no-mundo” comum a todas e todos nós (Glissant, 2005). Nesse processo de ser-sendo-no-mundo nos conectamos por meio do que ousamos denominar de Pensamento Negro Descolonial. Em nossas pesquisas dialogamos com e desde: Frantz Fanon, Lélia Gonzalez, Aimé Césaire, Grada Kilomba, Achille Mbembe, Beatriz Nascimento, Muniz Sodré, bell hooks, Abdias do Nascimento, Audre Lorde, Édouard Glissant, Patricia Hill Collins, entre outras e outros intelectuais antirracistas, antissexistas, anticoloniais, anticapitalistas e anti-imperialistas. Problematicamos, refletimos sobre, buscamos compreender, colocamos em discussão, pesquisamos desde o lugar da “Clínica, Subjetividade e Política⁵”.

O que faço mesmo aqui? Tenho a tarefa de me apresentar a você, leitora e leitor. Mas de que modo? Qual caminho trilhar? Precisa ser pela escrita. Que tipo de escrita? Eram muitas as dúvidas e os questionamentos. Após um período de escuta de nossa poética, lembrei de uma banca de qualificação de doutorado, lembrei da lindeza de “carta-grafias” de Bruna Battistelli (2017). Ao passo dessa jovem pesquisadora, apresento a você, que nos lê, um caminho de escrita que busca cumprir sua tarefa acadêmica e, ao mesmo tempo, se mostra afetiva, simples e intensa (Battistelli, 2017). Uma política de escrita encharcada pela afirmação de uma ciência cuja racionalidade não é linear, constituindo-se pela complementariedade entre razão e emoção.

Convido-te a ler cartas endereçadas a mim, tendo como desafio, ler-me nas entrelinhas das singularidades de cada narrativa aqui posta, assim como, nas entrelinhas do mundo que nos agencia neste arquipélago, enunciando a importância do lugar enquanto sopro e centelha do nosso existir ético-estético-político.

5 Linha de pesquisa vinculada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGPSI/UFRGS).

ÌYÁLÓÒDE - “SOU ELZA / SOU ONÇA. / CANTO / SEM PEDIR / LICENÇA. / SOU ONÇA. / SOU ELZA. / EU ONÇO / DESDE / NASCENÇA.”⁶

*À Ìyálóòde E'lééko,
Mo júbà o!⁷*

Como você está? Eu? Tenho andado inquieto... Está bem difícil, né? A sensação que tenho, é de que cada semana dentro de casa amiúda mais as paredes por aqui. Estou em luto... O Frio na espinha e o peso na nuca chegam de butuca quando leio notícias de mais de 4 mil mortes por Covid-19 no Brasil⁸. Escrevo hoje para não fundir a cuca, escrevo desde nosso território por ser um dos quilombos onde é possível tomar fôlego para continuar na luta. Recordando “Ôrí”⁹, produzido em 1989, com Beatriz Nascimento, penso que um quilombo não corresponde ao nosso passado, mas trata-se de um fluxo que extrapola desde mim, desde ti, abraçando-nos enquanto cria a inadiável resistência a uma vida que opera em coletivo. Neste amiudar em que o coração aperta, cada encontro E'léékò tem sido um abraço que faz expandir, mesmo neste momento em que discutimos a escassez do ar.

Quando encontro vocês: Aurélia Rios, Maria Luz Santos, Tatiane da Costa, Monique Navarro, Rose Mari Ferreira, Ana Paula Melo, Maiara Freitas, Camila Trindade Coelho, Larissa Oyarzabal, Maria Luisa Pereira de Oliveira, Míriam Alves Olórí-Oba e tantas mais Ìyálóòde - título este que Jurema Werneck (2020, p. 29) explicita como aquele atribuído “à mulheres emblemáticas, lideranças políticas femininas que realizam suas atividades nos grupamentos urbanos, nas cidades” –, sinto-me abraçado e fortalecido com vocês. Mo júbà o, porque Ìyálóòde não vai tratar de um título, mas de ação política, onde mulheres pretas, mesmo após a violência do sequestro transatlântico, organizam aqui, entre si, entre nós **dentro de nós**, a autodefinição em diferentes espaços de luta (Werneck, 2020).

6 Poema de Ricardo Aleixo (2017, p. 43).

7 “*Meus respeitos*” (Beniste, 2019 p. 436)

8 Reportagem feita pelo jornal G1 no dia 06/04/21, onde é apontado o registro de que, pela primeira vez, o Brasil ultrapassa 4 mil mortes por Covid-19 em 24 horas. <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/04/06/brasil-bate-marca-de-4-mil-mortes-por-covid-registrados-em-um-dia-e-soma-3376-mil-na-pandemia.ghtml>

9 Ôrí. Direção de Raquel Gerber. Brasil: Estelar Produções Cinematográficas e Culturais, 1989, vídeo (131 min), colorido. Relançado em 2009, em formato digital. <https://negrasoulblog.wordpress.com/2016/08/25/309/>

E'léékò tem sido desde 2019 para este que escreve, espaço de fortalecimento, afirmação e insurgência do tornar-me como sou, porque somos nós.

Quem escreve aqui é uma “bixa preta” da diáspora (Veiga, 2018), que encontra neste núcleo de estudos e pesquisas este abraço com acolhimento. Canto para me afirmar com Linn da Quebrada (2017) “Bixa pre-, tra, tra, tra, tra!”¹⁰, danço com as pontas dos dedos, que insistentemente trêmulos, escrevem (para) sobre viver. Tenho experimentado a intensidade deste “tra tra tra tra” nos teclados do computador e/ou do celular... Quais músicas tocam as digitações que inscrevo?

Escuto você E'lééko, como quilombo que respira pela ação e circulação das palavras, com a força das Ìyálóòde que juntas ensaiam a resistência ao genocídio de pessoas pretas e indígenas. Não vamos nos calar. Não vamos morrer. Somos escritoras, escritores, poetas que sangram, sustentando com Édouard Glissant (2005) a responsabilidade de quem escreve como responsável pela criação de novas estéticas do imaginário. Assim, seguiremos em arquipélago que nesta carta trato como sinônimo de coletivo, redesenhando e escutando rastros-resíduos Ìyálóòde ancestral desde onde escorrem poéticas, filopoéticas que beiram e bailam o “caos-mundo” como ato e Relação, sendo, portanto, criação. Neste caso do “tra tra tra tra” do teclado com as pontas dos dedos vou “Sangrando” para sobreviver.

Quando eu soltar a minha voz
Por favor entenda
Que palavra por palavra
Eis aqui uma pessoa se entregando
Coração na boca
Peito aberto
Vou sangrando
São as lutas dessa nossa vida
Que eu estou cantando
Quando eu abrir minha garganta
Essa força tanta
Tudo que você ouvir
Esteja certa
Que estarei vivendo
Veja o brilho dos meus olhos
E o tremor nas minhas mãos
E o meu corpo tão suado

10 Composta e interpretada por Linn da Quebrada (2017), a música faz parte do álbum Pajubá. <https://www.lettras.mus.br/mc-linn-da-quebrada/bixa-preta/>

Transbordando toda a nossa emoção
E se eu chorar
E o sal molhar o meu sorriso
Não se espante, cante
Que o teu canto é a minha força
Pra cantar
Quando eu soltar a minha voz
Por favor, entenda
É apenas o meu jeito de viver
O que é amar
(Gonzaquinha, 1980)

Me despeço por aqui Ìyálóde, mas gostaria de fazer um pedido... O que o “tra, tra tra” de seus teclados vão dizendo a você? Pode me responder? Adúpé¹¹ pelos abraços, respirações, inspirações, transpirações e conspirações que nos inscrevem por aqui. Que nosso quilombo seja como a lua, mesmo em tempos minguentes, que possamos (re)nascente, crescente, cheia e brilhando uma expressão singular!

Àşę¹²,
Odara.

11 “Nós agradecemos” (Beniste, 2019 p. 43).

12 Àşę é força vital que circula e expande nossos corpos em exercício de potência que é ação, em direção ao poder de realização, conforme Juana Elbein dos Santos (2012).

À PESQUISA DESCOLONIAL DO FUTURO - “OLHE TODAS AS QUE VIERAM / ANTES DE NÓS / NÃO HÁ SEGREDO”¹³

Cara Ìyálòdè E'léékò,

Do território nordestino paraibano, eu escrevo do passado. Como disse a martinicana Maméga (Ega, 2021) em suas cartas a Carolina Maria de Jesus, o passado é o lugar onde nossa ancestralidade se encontra. O ano é 2021. O mundo enfrenta a pandemia causada pela Covid-19 com suas cepas e ondas. Até o momento desta escrita, 3.188.206 mil famílias¹⁴ no planeta reaprendem a conviver com o distanciamento físico, isolamento, perda de entes queridas/os, enriquecimentos estratosféricos. Muitas/os das/os nossas/os morreram porque foram obrigadas/os a não fazer o isolamento físico e a fome voltou a bater na ‘porta’ da América Latina, nossa “América Ladina”, segundo o pensamento de Lélia González (1988/2018). Que será de nossa Grande Mãe África, Ìyálòdè?

Em um passado um pouco mais longínquo, ouvi sobre você, Núcleo de Estudos e Pesquisa E'léékò UFPel/UFRGS, por um companheiro de moradia. Depois fomos apresentadas. Desde então, não ardeei pé. Era recém-admitida ao Programa de Doutorado em Educação na UFRGS. Naquele universo marcado pelo privilégio de corporalidades brancas e a considerar a distância de casa, você se apresentou como primeiro - não único - espaço de aquilombamento epistêmico, político e de afetos (Nascimento, 1985). Naquela época aglomerar não significava impedimento para estarmos fisicamente juntas. O pensamento crítico, a arte do “Slam” (Maiato, Alves, & Barcelos, 2020) em diálogo com minhas vivências do Maracatu, as rodadas de pizza pós-evento e o chimarrão. Necessárias estratégias de (re)existência ao pensamento universalista tomaram conta de nossos debates na ‘III Jornada E'léékò’. A energia do riso presencial e os abraços são as que mais sinto falta.

É bem verdade que ainda no passado nos reinventamos. Atividades remotas síncronas, antes talvez sequer imaginadas, passaram a fazer parte do nosso protocolo de segurança sanitária. Assim, seguiram nossos debates. Expressões artísticas pretas, ferramentas teóricas da Larissa Oyarzabal, Grada Kilomba, Tatiane Borchardt da Costa, Monique Navarro, Franz Fanon, Deivison Faustino, Míriam Alves Olórí-Ọba, Maíne Alves

13 Fragmento do poema de Ryane Leão (2017, p. 123).

14 Dados do Centro de Recursos Coronavírus da Universidade de Medicina Anthony Hopkins. <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>.

Prates, Alcione Correa Alves, Ademiel de Sant'Anna Júnior, Fernanda Maiato, Rafael Barcellos, Denise Ferreira da Silva, Aimé Césaire, Rose Mari Ferreira e tantas pessoas E'léékò. Ainda tivemos o curso virtual “Epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas”¹⁵ que marcaram o traçado de nosso território de conhecimentos (des)construídos em universidades neocoloniais.

Nossos encontros eram, para mim, um *continuum* de diálogos pluriversos pelo trânsito comunicacional com a pesquisa desenvolvida – espaço de luta e (re)existência ao racismo e sexismo epistêmico (González, 1980/2018). Em um daqueles encontros, enquanto mulher preta, apresentei os caminhos de ‘Feitura’ de uma cartilha bilíngue – português e tupi. Tu te lembra? Os processos de construção da ‘TV Jornada E'léékò’ continuaram em mim. Segui nas encruzilhadas de Exú na Jurema Sagrada.

De um tempo-espaço espiralar não deixo meu abraço, mas sim braços e sentimentos para seguirmos tensionando, refletindo e construindo o nosso “sendo-no-mundo” (Glissant, 2005). Reafirmo a importância de ambientes transcendentos ao regionalismo e ao nacionalismo. De espaços em que possamos, em meio as nossas lutas coletivas - na luta pela vida -, ler e interpretar pensadoras e pensadores descoloniais a partir da margem, falar em ‘Feituras’ e tencionar o racismo linguístico da universidade, fundadas na ética dos ‘movimentos’ e dos afro-afetos E'léékò.

Àşę o,
Brilho de Oşùn

15 O curso de extensão “Epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas”, realizado totalmente *on-line*, teve o intuito de promover o lançamento e a divulgação do Vol. 1 da Série Pensamento Negro Descolonial, organizada pelo Núcleo de Estudos e Pesquisa E'léékò em parceria com a Editora Rede UNIDA. O livro está disponível para *download* no site da editora. <https://editora.redeunida.org.br/serie/pensamento-negro-descolonial/>

DESCOBERTAS - “CADA VEZ QUE ENCONTRO OUTRAS MULHERES / PARA PARTILHAR HISTÓRIAS / NOS TORNAMOS TERRA FÉRTIL.”¹⁶

Querida E'léékò, ao receber esta carta, desejo que estejas bem!

Estou aqui, a rememorar nossas caminhadas, nossas coisas, nossas vivências. Rememorar o que existe em nosso território. Aqui tem samba, *rock and roll* e futebol (Holanda, 2005). Tem muito choro, também. Choro pelas vidas pretas perdidas pela pandemia. Muitas dessas mortes poderiam ter sido evitadas. Deivison Faustino (2020) já denunciava “*Os condenados pela Covid-19*”.

Em nosso território, tem a resistência de quem lutou sozinha por ser a única estudante preta na graduação e continua lutando, agora, como uma das poucas mulheres pretas no mestrado. Já fui uma ilha. Hoje, me constituo como arquipélago ao teu lado, E'léékò.

Você é território de saberes, de trocas, de vivências, de aprendizados, de afetos, de acolhimento e de fortalecimento. Em você, me percebo na “Negritude” de Aimé Césaire (1987/2010), vivendo “a história dentro da história”, enunciando uma ciência descolonial desde o lugar preto e enfrentando todas as decorrências deste posicionamento ético-estético-político. Ao seu lado, me permito sair dos parâmetros eurocêntricos da vida acadêmica e vivencio leituras que me atravessam, que me encharcam, que me inundam e me permitem escutar o que antes não escutava, sentir o que antes não sentia, vivenciar o que antes não vivenciava. Com você, não sou mais ilha, sou arquipélago da poética da Relação de Glissant (2005). Sou mulher preta, pesquisadora e trabalhadora da saúde que atua na linha de frente da Covid-19.

Estou aqui para “erguer a voz” (hooks, 2019) e, num ato de enunciação, propagar aos quatro ventos o “racismo/sexismo epistêmico” das universidades ocidentalizadas (Grosfoguel, 2016). Sob os auspícios de respiros e fagulhas, você existe em arquipélago, em aquilombamento que nos fortalece como num *continuum*. Foi contigo que encontrei meu povo preto reunido e permeado por uma tela que não divide, mas sim, aquilomba, aos olhos de Beatriz Nascimento (1985).

Por que o aquilombar é tão importante para mim? Porque trabalho em um ambiente branco. A assistência no Sistema Único de Saúde (SUS) é branca. Minhas/meus colegas de trabalho são brancas/os. A universidade é branca. Então, aquilombar é fortalecer.

Lembra de nosso encontro no território psi da UFRGS? Na ocasião, eu precisava de um sul em relação a minha dissertação de mestrado. Como é do nosso povo preto, você me acolheu e indicou algumas leituras. Era o início de uma jornada e eu, nem imaginava que teria 'Jornada E'léékò, Que mudanças em minha vida!

Você me acolheu no auge da pandemia, em 2020, em meio ao ensino remoto, às transformações do cotidiano, às vidas ceifadas, à luta *Black Lives Matter*¹⁷ decorrente do assassinato de George Floyd que fez ecoar pelo mundo a onda antirracista. Eu me refugiei no teu colo. Nossos encontros virtuais, nossas leituras e discussões foram essenciais para compreender as estruturas sociais e, ademais, proporcionar alívio em tempos tão difíceis.

Hoje sou arquipélago, mas o sendo-no-mundo comum a nós, pretas e pretos, continua com a sombra do **alvo**. Como existir, quando somos **alvo**?

(Re)existo ao seu lado, ao lado deste afetuoso coletivo.
Até mais ver. Beijos com muito afeto,

Rosa Negra do Sol Nascente

17 Apesar de ganhar notoriedade e adesão mundial após o assassinato de George Floyd em 25/05/2020, o movimento foi criado em 2013 por Alicia Garza, parte da aliança nacional de trabalhadoras domésticas; Patrice Cullors da coalizão contra a violência policial em Los Angeles; Opal Tometi, da aliança negra pela imigração justa. Com o objetivo de erradicar a supremacia branca e constituir intervenções locais contra violência policial exercida nas comunidades negras. Em tradução livre, seu significado: "*Vidas Negras Importam*" vai materializar a luta das comunidades negras contra a violência policial e do estado. <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/06/03/black-lives-matter-conheca-o-movimento-fundado-por-tres-mulheres.htm>

**FORÇA COLETIVA E ETERNO PULSAR -
“NAVEGO NAS ÁGUAS DONDE BROTA UMA FACE TUA QUE ME LIBERTA”¹⁸**

Querida Ìyálóòde,

Os últimos meses têm sido muito difíceis, muito mais do que imaginei. Na medida em que meus dedos tocam as teclas do computador e desenho palavras sobre a poética de nossa Relação, os olhos marejam e transbordam águas de outros tempos. Falando em águas, prometi para mim, que assim que puder eu lavarei meu corpo em uma imensidão delas... pode ser no mar, numa cachoeira, num rio... Por enquanto, só água de choro. Essa já não engulo mais. Deságua quantas vezes se apresentam como necessárias e assim me lavo, me refaço. A partir da água eu falo com você e sobre você.

Você tem sido um bálsamo nos meus dias. Você é água doce de riacho, cristalina, refrescante, que guarda muita vida e a espalha por onde o destino permitir. Já me disseram que você também é águas revoltas. Eu não duvido! Você é o que a gente quiser! Como diria Luedji Luna (2020), “*bom mesmo é estar debaixo d’água*”.

Em um mundo estilizado pelo pensamento eurocêntrico e pelo antropocentrismo¹⁹, descrever um pouco sobre como eu te sinto, percebo e vivencio, se apresenta como uma oportunidade de externalizar um dos principais ensinamentos que carrego comigo: a descolonização acontece em movimentos que são feitos nas relações, em alianças, em resistências. Lembra como nós nos definimos? Território de vida, de (re)existência, de compartilhamento, de conhecimentos produzidos da poética da Relação, de produção de imaginários e sentidos descoloniais.

Nos últimos dias, encontrei algumas anotações. Dentre elas, estava uma meta para 2020: tornar-me E’léékò. Lembrei o quanto ensaiei para fazer o pedido à Ìyálóòde para compor o quilombo (Nascimento, 1985). Quanto preparo! Acho que eram nossos ancestrais soprando ao pé do ouvido. Eu nem imaginava que estava prestes a estabelecer um divisor de águas na minha trajetória. Você, E’léékò, não foi nada menos que isso. Um divisor de águas. No sentido mais profundo e potente que essa expressão e sentimento podem ter.

18 Fragmento do poema de Livia Natália (2017, p. 55).

19 Concepção que considera a “humanidade” (leia-se aqui a imposta pelo sistema eurocêntrico) como centro do universo e, por conseguinte, institui modos de relações hierárquicas que desvalorizam a diversidade de múltiplas formas de existências no planeta. Para uma leitura sobre como esse movimento colonial reverbera na produção de hierarquias na realidade social, ver “*A Dívida Impagável*” de Denise Ferreira da Silva (2019). Para uma crítica mais desenvolvida acerca dos impactos ecológicos desse modo antropocêntrico de produção, ler as desenvolvidas pelo sociólogo Jason Moore, jasonwmoore.wordpress.com

Você é uma encruzilhada em constante pulso, é fonte inesgotável de conhecimento, é elemento que encorpa, fortalece e cura nosso intelecto preto, nos Orí-enta²⁰, reorganiza. Nos firma no centro de uma experiência ancestral de produção de conhecimento e de liberdade. Você em nós, é a reafirmação do que canta Aláfia (2015) - “nós estamos além desse mapa / não cabemos na sua ampulheta / não vestimos, tampouco, essa roupa” -, negando toda redução e limitação que a universidade ocidentalizada busca nos impor. Em nossa coletividade vamos “afrodinamicamente mantendo nossa honra viva” (Racionais MC'S, 1992).

Você é disruptiva em termos de aprendizagens. Poder contar com as Ìyálòòde que nos conduzem nesse turbulento embarque da produção acadêmica é experimentar a confiança de que não estamos sozinhas na jornada de nos desconstruirmos e revermos, constantemente, sobre aquilo que nomeamos como verdades (Alves, Seminotti, & Jesus, 2015). Viver ao teu lado é um processo radicalmente transformador, que exige encarar nossas dores e transgredirmos (hooks, 2017) a partir delas.

Não sabemos como estaremos no pós-pandemia, tampouco temos alguma perspectiva de como estaremos no próximo ano. No entanto, gostaria de enaltecer nosso modo de nos apropriarmos dos dispositivos sociotécnicos na atual conjuntura. Fazemos deles um trampolim para a permanência e ampliação desse território ético-estético-político-afetivo, de formação de vidas engajadas e de sentidos implicados com um viver encarnado.

Essa transmutação para o virtual explicita a força de atualização de nossas movências: um desejo coletivo que nos une e nos mobiliza pelas águas que repudiam as opressões e as violências que vivenciamos há séculos. Esse movimento é também sobre habitar o espaço virtual e atuar no presente. É sobre desenvolver novas habilidades, novos processos cognitivos, novas cosmopercepções (Oyewùmi, 2017). Nossos deslocamentos e desdobramentos se apresentam como respostas coletivas e inventivas, que resistem no atual contexto pandêmico.

Meu profundo desejo é que esse território de criação de novos imaginários se fortaleça e se prolifere pelo mundo, para além dos muros físicos e virtuais de nossas universidades, que possa alimentar não

20 Na língua Yorúbá a palavra “Orí”, em tradução literal, significa “cabeça” (Beniste, 2019, p. 591). No entanto, apresenta uma complexidade na dinâmica civilizacional de matriz Africana, estando associado ao nascimento, onde cada Orí existente no àiyé (mundo visível) é modelado no òrun (mundo invisível), constituindo “o doble da existência individualizada de cada pessoa (Santos, 2012, p. 234). Considerando essa dimensão civilizacional de Orí, fizemos uma composição e um jogo semântico com a palavra “orientar” da língua Portuguesa, trazendo a ideia de que “Orí-entar” passa por um processo de singularização dos sujeitos e de suas subjetividades, a partir de uma racionalidade que consideramos a complementariedade entre mundos visível e invisível, portanto, uma racionalidade não linear.

somente nosso espírito coletivo, mas também o de nossas comunidades sem fronteiras, como um tipo de “*Devir E’léékó*”.

Deixo uma mensagem como registro para a atual e as próximas gerações: o que nos nutre são as redes afetivas que construímos, as conexões com nossas histórias, com o nosso presente. O que nos nutre é a construção permanente de um comum transitório das diferenças. Nosso compromisso é com a descolonização da vida e dos afetos. É com a luta antirracista, antissexista, anticolonialista, anticapitalista, anti-imperialista. É com o posicionamento ético-político feminista, interseccional, pluriversal.

Vida longa a esse território de acolhimento, amorosidade, de cuidado, de saberes ancestrais, plurais e “afrofuturistas” (Womack, 2013).

*Cordialmente, com muito afeto,
Poëira Cósmica e Ewé*

**REDE DE AFETO TEÓRICA-PRÁTICA -
“PREMISSA ESSENCIAL DE CONDUTA: SER VULÇÃO SEM CULPA”²¹**

*A benção, E'léékò!
Como tens passado nesses dias amargos?*

Espero que você esteja minimamente tranquila. Por aqui eu tenho tido dias “tranquilos”. Apesar de... De todo esse caos que nos ronda. A pandemia, o trabalho ou a falta dele, a vacina que não chega, o desgoverno, o aluguel, o colapso, a morte, o luto.

Colocar em palavras o que você significa para mim, foi algo que me deixou pensativa. Logo eu que gosto tanto das palavras! Por aqui, sigo em busca de compreender algumas das inquietações que me habitam, aí que cheguei à conclusão de que talvez seja tão complexo escrever porque eu sinto e faço parte desse arquipélago. Sinto E'léékò.

Sentir é difícil, visceral eu diria. Sentir nos foi negado por um longo tempo, às vezes ainda é. Mas a gente sente, e sente muito. Sente alegrias, sente fome, sente sede, sente curiosidades, sente tristezas, a gente sente, e sentir é lindo. E'léékò, você nos permite sentir. Quando sentimos somos, estamos. Quando somos, existimos, nos humanizamos. Entendemos o que sentimos. Vislumbramos uma infinidade de futuros possíveis, descobrimos que não somos o que fizeram de nós, que não somos inquebráveis e que não precisamos ser, descobrimos as muitas e diversas formas de nos (re)montar, (re)conectar e seguir sentindo, (re)existindo, sendo. Um constante ser-sendo-no-mundo.

Na caminhada de retorno à universidade, agora, rumo ao doutorado, entre as buscas incessantes de uma nova possibilidade de pesquisa referente a história da saúde mental do nosso povo preto e os seus agravantes pertinentes aos efeitos maléficos do racismo, me deparei com a produção e discussão epistemológica da Ìyálóòde. Finalizei a leitura do texto, que nesse meio universitário chamamos de científico. Senti o acalento na fervilhação do meu Orí²²: - “É isto que quero estudar, pesquisar, aprender e produzir referências”. Encontrei uma intelectual que converge com as minhas práticas profissionais no âmbito da Psicologia e elucida relevâncias sociais que mobilizam as nossas habilidades investigativas, ações, reflexões, críticas para a produção de conhecimentos

21 Fragmento do poema de Ryane Leão (2019, p. 54).

22 Ver nota de rodapé número 20.

descoloniais. Encontrei você, E'léékò. Não estou só! A condição de ilha não me pertence. Eu constituo esse grande arquipélago.

Na universidade, já vivenciei a hostilidade pura. Novamente, morrem mais de 4 mil²³ pessoas em um dia, mas eles continuam querendo o texto justificado em fonte Arial 12. Não importa quantas vezes nós tenhamos que demandar energia para ler um texto qualquer, de um livro qualquer, que alguém escreveu sobre uma história que não é a nossa, uma história que não faz o menor sentido para quem vem de onde eu venho. Querem que a gente respire mesmo quando falta oxigênio e se não respirar, já era. Então: “prova fazendo a prova, prova que tu sabes, prova que tu mereces e que não é só mais uma aluna cotista roubando a vaga. Prova que tu queres estar aqui”. Mesmo que a gente queira, em parte, queira porque é “tudo pra ontem”, como já nos disse Emicida (2020), “viver é partir, voltar e repartir”, afinal, “tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é nós” (Emicida, 2019).

‘E'léékò é nós!’ É aquela que fomenta conhecimento em cada um e cada uma de nós. Aquela que estimula que toda questão-vida seja considerada, sentida, visibilizada, problematizada na permeabilidade das leituras propostas. Escutas e narrativas são entrelaçadas com as dimensões subjetivas de cada um e cada uma, sem correções, proposituras e carteiradas academicistas.

Você germina a pluriversidade do coletivo e valoriza as singularidades dos sujeitos. Em gestão compartilhada e na corresponsabilização pelo processo formativo, você nos instiga a olhar criticamente sobre referenciais epistemológicos em face a uma mirada descolonial e antirracista.

E'léékò, você é respiro, serve de alimento para o nosso Orí. Você acolhe como uma manhã quentinha de sol no frio do inverno e aquece o coração. Nos permite transpor a fronteira da solidão de uma academia branca e busca por meio de trocas de saberes pretos romper com as mordanças que insistem em nos colocar. Você é grito de liberdade, é renascimento, é o nosso povo, é amor, é amar, é elo... é “AmarElo” (Emicida, 2019).

Oxalá que a germinação se faça e que, como a planta que se alastra, nossas raízes-rizomas se espalhem por “Todo-o-mundo” (Glissant, 2005).

Àșę
Ayóbámi Alireau

23 Reportagem feita pelo jornal *Estado de Minas* divulga o novo balanço de óbitos pelo Conass (Conselho Nacional dos Secretários de Saúde), que registra que no dia 06/04/21, 4.195 pessoas perderam a vida para a Covid-19. https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2021/04/08/interna_nacional,1255141/covid-brasil-volta-a-registrar-mais-de-4-mil-mortes-e-bate-novo-recorde.shtml

POR TUDO QUE VIVI, UM DESPERTAR - “ARQUIPÉLAGO CERCADO / POR ESTE MAR DE VONTADES / E ETERNAS AVENTURAS / DE BOA-VENTURANÇA”²⁴

*Querida Ìyálóòde E'léékò
Desejo que estejas bem!*

Estou insegura para te escrever. Depois de procrastinar muito e de surgirem dúvidas se deveria ou não escrever, se seria capaz de tal façanha, cá estou! Mas eu ainda não tenho certeza se as palavras serão suficientes para expressar ao mundo o que sinto por você.

Fico aqui pensando sobre o que eu era e o que me tornei depois que te conheci e passei a constituir esse arquipélago. Eu posso, perfeitamente, classificar minha trajetória acadêmica em antes e depois de estar ao seu lado. Antes, digo que minha caminhada, embora firme, ainda era frágil, incipiente quanto aos conhecimentos teórico-epistemológicos sobre as relações raciais, a violência racista e sexista que, enquanto mulher preta e moradora da periférica, vivencio cotidianamente. Agora, me sinto com a língua afiada diante do conjunto de conhecimentos que me deslocou e continua deslocando em um ser-sendo-no-mundo, em um vir-a-ser, num “*Devir E'léékó*”, como enuncia Poeira Cósmica-Ewé em sua carta.

Você foi e continua sendo fundamental em minha *Feitura* em Psicologia e, sobretudo, em meu processo de tornar-me mulher preta, universitária, pesquisadora. Eu já me vi cheia de medos e inseguranças por ocupar um espaço em uma universidade majoritariamente branca e burguesa. Não mais me vejo assim!

Eu me pego pensando nos aprendizados e experiências que você me proporcionou, instigando-me na minha autoafirmação e autorreconhecimento como mulher preta e me possibilitando sentir as sutilezas e os solavancos dessa experiência.

Nessa caminhada, o acolhimento e o respeito à pluriversidade de experiências compartilhadas foram fundamentais para eu protagonizar e exercitar o ser pesquisadora. A presença é marcante em nossa coletividade. Aqui não falo da presença física espacial, falo da presença humana, sensível e imaterial. Penso que foi a força desta presença que, em meio a pandemia da Covid-19, transformou esse arquipélago em refúgio para cada ilha.

Cada uma e cada um de nós, enquanto ilhas em diáspora, nos colocamos a transformar experiências vividas em ciência preta narrada

24 Fragmento do poema de Cuti (2007, p. 81).

e marcada pela ética-estética do lugar desde o qual enunciamos a nossa existência. Foi nesse aquilombamento que compreendi a importância do “*lugar*” (Glissant, 2005), do meu lugar de enunciação, do lugar de onde observo e me relaciono com o mundo, do meu lugar de pertencimento, em que minhas experiências de vida, minhas histórias singulares se agenciam com outras tantas histórias de nós. Foi nesse território que aprendi a “erguer a voz” ao passo de bell hooks (2019). Foi aqui que, com a ajuda de Grada Kilomba (2019), estilhacei a “máscara do silenciamento”.

Por que escrevo?
Porque eu tenho de
Porque minha voz,
em todos seus dialetos,
tem sido calada por muito tempo
(Jacob Sam-La Rose, 2002, citado por Kilomba 2019, p. 27)

As tardinhas de segundas-feiras fizeram a diferença no meu ser-sendo-na-faculdade. Na terra fértil onde estás assentada, meu coração fica quentinho. Foi você que me ajudou a reconhecer que a universidade é sim o meu lugar, que sou digna do espaço que ocupo e que o meu saber é válido e legítimo.

E'léékò, multiplique a sua existência nas diversas universidades deste país! Esse é o meu desejo. Que outras Marias, Roses, Cristianas, Sandras, Anas, Camilas, Andersons, Maines, Claudemiras, Rafaels, Moniques, Luanas, Aurélias, Maiaras, Brunas, Julianes, Ruis, Lucas, Ademiels, Cecílias, Leonores, Fernandas, Míriams, Josés, Julias, Gabriels, Murilos, Andressas, Mylenas, Jéssicas, Evellyns, Tatianas, Elianas, Vitóriaas, Geovanas, Pedros, Jefersons, Adrianes, Rodrigos, Joices, Amandas, Felipes possam usufruir do direito de existir na produção do conhecimento.

Um dia teremos a nossa tão sonhada Pluriversidade!

Vida longa E'léékò.

E, continuemos na ginga da Capoeira e na improvisação do Jazz...

*Com todo meu carinho e respeito,
Bru Camaleoa*

Referências

- Aláfia, B.** (2015). *Salve Geral* [Álbum Corpura]. SomLivre. <https://www.youtube.com/watch?v=l6gjbIX4EIg>
- Aleixo, R.** (2017). *Antiboi: poemas*. Crisálida.
- Alves, M. C., Jesus, J. P., & Scholz, D.** (2015). Paradigma da afrocentricidade e uma nova concepção de humanidade em saúde coletiva: reflexões sobre a relação entre saúde mental e racismo. *Saúde em Debate*, 39(106), 869-880. <https://doi.org/10.1590/0103-1104201510600030025>
- Alves, M. C., Seminotti, N., & Jesus, J. P.** (2015). Conhecimentos e Verdades: Racionalidades em Questão! In Leonardo Machado Silva & Maria Lúcia Andreoli Moraes (Orgs.), *Psicologia & Espiritualidade* (pp. 95-115). EDIPUCRS.
- Battistelli, B. M.** (2017). *Carta-grafias: entre cuidado, pesquisa e acolhimento*. [Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS]. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/169461>
- Beniste, J.** (2011). *Dicionário yorubá-português*. Bertrand.
- Césaire, A.** (1987/2010). *O discurso sobre a Negritude*. Nandyala. (Coleção Vozes da Diáspora Negra, vol. 3)
- Cuti, L.** (2007). *Negroesia* (antologia poética). Mazza.
- Deleuze, G. & Guattari, F.** (1995). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (Aurélio Guerra & Célia Pinto Costa, trads.). Editora 34.
- Ega, F.** (2021). *Cartas a uma negra: uma narrativa antilhana* (Vinícius Carneiro & Mathilde Moaty, trads.). Todavia.
- Emicida.** (2019). *AmarElo* (Álbum completo). LabFantasma. <https://www.youtube.com/playlist?list=PL>
- Emicida.** (2020). É tudo pra ontem. LabFantasma. <https://www.youtube.com/watch?v=qbQC60p5eZk>
- Faustino, D. M.** (2020). *Os condenados pela Covid-19: uma análise fanoniana das expressões coloniais do genocídio negro no Brasil contemporâneo*. Buala. <https://www.buala.org/pt/cidade/os-condenados-pela-covid-19-uma-analise-fanoniana-das-expressoes-coloniais-do-genocidio-negro>
- Glissant, Édouart** (2005). *Introdução a uma poética da diversidade*. Editora da UFJR.
- Gonzaguinha, L.** (1980). *Sangrando. Gonzaguinha - de volta ao começo* (Álbum completo). Emi.
- Gonzalez, L.** (1988/2018). A categoria político-cultural de amefricanidade. In *Primavera para as rosas negras*: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. Filhos da África.
- Grosfoguel, R.** (2016). A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado*, 31(1), 25-49. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100003>
- Holanda, Chico. B.** (2005). *Meu caro amigo* (DVD). Biscoito Fino. https://www.youtube.com/watch?v=o4_UkwRE7NA
- hooks, bell** (2017). *Ensinando a Transgredir: a educação como prática de liberdade* (Marcelo Brandão Cipolla, trad.). Martins Fontes.
- hooks, bell** (2019). *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra* (Cátia Bocaiuva, trad.). Elefante.
- Kilomba, G.** (2019). *Memórias da plantação: episódios do racismo cotidiano* (Jess Oliveira, trad.). Cobogó.
- Leão, R.** (2017). *Tudo nela brilha e queima*. Planeta do Brasil.

- Leão, R.** (2019). *Jamais peço desculpas por me derramar*. Planeta do Brasil.
- Luna, L.** (2020). *Bom Mesmo é Estar Debaixo D'água* (DVD). Independente. <https://www.youtube.com/watch?v=BCQnOftvLXM>
- Maiato, F., Alves, M., & Barcellos, R.** (2020) Abaixo a guarda e abre o peito: o resgate físico, cognitivo e subjetivo do sujeito negro no Slam Chamego. In Miriam Alves & Alcione Correa (Orgs.), *Epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas* (pp. 176-189). Rede UNIDA.
- Mc Linn da Quebrada** (2017). *Bixa Preta, Pajubá* (DVD). Independente. <https://youtu.be/VyrQPjG0bbY>
- Natália, Livia** (2017). *Dia bonito pra chover*. Malê.
- Nascimento, B.** (1985). O conceito de Quilombo e a resistência cultural negra. *Afrodiaspórica: Revista do Mundo Negro*, 5(6-7), 41-49. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4408010/mod_resource/content/2/NASCIMENTO-Beatriz_O%20conceito%20de%20Quilombo%20e%20a%20resist%C3%Aancia%20cultur%20negra.pdf
- Oyeewùmí, O.** (2017). *La invención de las mujeres: una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género* (Alejandro Montelongo González, trad.). En la Frontera.
- Racionais Mc's.** (1992). *Voz Ativa* (Escolha seu caminho) (DVD). Zimbabwe. <https://www.youtube.com/watch?v=C1F7Y2rUHM4>
- Santos, Juana E.** (2012). *Os Nagô e a Morte: Pàde, Àsèsè e o Culto Égun na Bahia*. Vozes.
- Veiga, L.** (2018). As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. *Revista Tabuleiro de Letras*, 12(01), 77-88.
- Werneck, J.** (2020). *O Samba segundo as Ialodês: Mulheres negras e cultura midiática*. Hucitec.
- Womack, Y.** (2013). *Afrofuturism: The world of black sci-fi and fantasy culture*. Lawrence Hill Books.